

Literatura & Arquitetura

Literature & Architecture

SÉRGIO AZEREDO* / ÓSCAR GRAÇA**

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Arquitetura, outras artes.

KEYWORDS: Literature, architecture, other arts.

Há uma ligação natural que a arquitetura tem com as palavras, mas também com as imagens, para não falar da ligação à pintura

A prática profissional, a visão pragmática adquirida, a pesquisa e o espírito crítico, sempre presentes na constante procura de soluções, levaram-nos, entre outras coisas, a questionamentos múltiplos. O livro *Arquitetura e Literatura Moderna*, de David Spurr (2012), e, mais propriamente, as seguintes frases: «a linguagem fornece o símbolo e o abstrato da estrutura do mundo, enquanto que o ambiente construído cria uma estrutura literal e física desse mesmo mundo» e «a literatura e a arquitetura são alimentadas a partir de uma preocupação comum, a preocupação com as formas quotidianas que habitam o mundo» (p. 23), fizeram com que ficassem a pairar três questões nas nossas mentes: A arquitetura será ele própria Literatura? Haverá Literatura sem Arquitetura? A Arquitetura e a Literatura serão cúmplices?

Neste nosso artigo, pretendemos refletir sobre estas três questões, discutí-las à luz de textos, temas musicais e obras cinematográficas de autores que, de certa forma, nos tocaram de uma maneira muito especial e integram o nosso contingente de referências culturais comuns.

Textos com mais de cinco mil anos já estabeleciam um diálogo entre a escrita e o ambiente construído. Desde a Antiguidade, e nos mais diversos

* Arquiteto (formação Faculdade de Arquitetura – Universidade Técnica de Lisboa).

** Arquiteto (formação Faculdade de Arquitetura – Universidade do Porto).

géneros literários, que a Literatura usa a Arquitetura para construir os seus espaços físicos e para suscitar a imaginação do leitor.

Na verdade, ao mergulharmos na leitura de um livro, rapidamente verificamos que a arquitetura está explicitamente patente ou na construção/estrutura do texto ou na edificação do espaço literário. Pela imaginação, tornamo-nos «projetistas» de espaços e lugares, vendo-os com o cérebro, pois, tal como nos diz Oliver Sacks, no seu livro *Alucinações*, «não vemos com os olhos, vemos com o cérebro» (2007, p. 164). Com efeito, ao lermos, vamos preenchendo os vazios do texto, criando imagens, estruturando ideias a partir das palavras do autor.

E o que nos quererá dizer, por exemplo, o violinista de jazz Didier Lockwood na sua fascinante peça *La manufacture de sucre engloutie* (1979)? Que imagens se formam na nossa cabeça, o que vemos? Ou Paul Simon, em *So long, Frank Lloyd Wright* (1979)? Poderíamos construir algo a partir destas duas obras, a partir dos sons, a partir das palavras? Que ligações existem com a arquitetura? O que nos diz o nosso cérebro?

O que levou Frank Lloyd Wright até à solução final da Casa da Cascata? O som da música produzida pela corrente da cascata sobre a qual decidiu edificar a construção? O som dos bosques circundantes, onde a natureza construiu as árvores de dentro para fora, como sempre faz? Certamente que tudo isso. A solução estava lá e o arquiteto só se limitou a ver com o cérebro, deixando-se levar pelos sons da cascata, do barulho do vento que passava através da folhagem e dos cantares dos pássaros, servindo-se deles como constituintes da sua composição arquitetónica.

E Tom Jobim, o criador da Bossa Nova, um dos maiores compositores na história da música brasileira, que chegou a estudar Arquitetura, onde foi ele buscar a inspiração? Segundo a sua irmã, Helena Jobim, Tom passava horas a meditar na floresta, perto do local onde vivia e, quando voltava, sentava-se ao piano e compunha. Dizia que os sons estavam na floresta e que, frequentemente, se sentia parte integrante dela, como se a floresta e ele fossem uma só entidade. O que nos quererá então ele dizer com a bela composição *A Arquitetura de Morar* (Jobim, 1974: Banda sonora da curta metragem de António Fontoura sobre a obra do Arq.º José Zanine Caldas)?

Um cliente, chamado Carlos Corga, escreve ao seu arquiteto, sob a forma de um poema, para lhe encomendar um projeto de construção de uma vivenda e, deixando-se levar pela emoção, usa a estética para comunicar os seus sonhos. Assim, faz do seu poema o seu ponto de partida e de chegada, esperando que o arquiteto torne tudo isto real:

Na suavidade
das linhas
nasce a fantasia
o desejo.
Recorda e cada gesto
corpos sombreados
de azul mistério.
Na leveza sensual das formas
ergue-se o sonho
suspenso na transparência
dos espaços.
Na força da paixão bailam enlaçadas
figuras geométricas.
E tu artista
pintor, crias do nada
e tens, no olhar
a magia das estrelas.

Ou, simplesmente, resume tudo a uma frase, escrevinhando num pequeno papel: «Pretendemos uma casa 3B (Boa, Bonita e Barata)». O que vê nisso o arquiteto?

Certamente terá presente que «A arquitectura é a construção de um sonho num sítio» (Associação de Arquitectos Portugueses, 17 de setembro de 1995), frase que nos foi citada, vezes sem conta, quando, na escola, aprendíamos a profissão, mas ainda não sabíamos do ofício. Anos mais tarde, entendemos que esse sonho era materializado por um construtor e que o dono da obra era quem o alimentava. O sonho, expresso durante a primeira conversa, no descodificar de um poema, numa pequena frase, onde preocupações e expectativas se confundem, começa a tomar forma nos rabiscos traçados pela mão do arquiteto.

A Arquitetura deve, pois, suscitar emoções, o efeito estético, que Etienne-Louis Boullée (1968) apelidara de «poesia da arquitetura», inscrevendo-se num espaço e num tempo, mas podendo também viajar para fora deles. Boullée afirma ainda: «Sim, as construções, principalmente as públicas, deveriam ser, de certa maneira, poemas e despertar em nós os mesmos sentimentos, como o objetivo para o qual são determinadas.» (1968, p. 44).

Le Corbusier renova essa conceção e escreve, no seu livro *Vers une architecture*, “De arquitetura só se pode falar quando está presente o sentimento

poético. Arquitetura é questão de forma plástica. Forma plástica é o que se vê e se pode medir com os olhos” (2005, p. 154).

Ora, se é verdade que outras teorias vieram que renunciaram a essa conceção do efeito estético, queremos crer que se o saber e a paixão não forem os dois estandartes da arquitetura e que se a poesia não for a sua força imaginativa, a arquitetura esvai-se da sua principal função: a de transmitir uma energia. A experiência espacial gera uma energia que se grava na memória de uma forma especialmente duradoura, marcando a vida das pessoas e ligando-as a esse espaço. A construção, a ligação criada entre as áreas internas e externas influenciam os modos de pensar e de sentir, geram uma energia que, segundo Foucault, marca o discurso e a representação, isto é lembranças, fantasias e ficções (cf. Habig & Jauslin, 1990).

Depois, a arquitetura deve suportar a passagem do tempo, permitindo, assim, a leitura da ideia que permitiu a sua materialização, adaptar-se a novas funções provocadas por novos sonhos. Se o rigor, a técnica e os regulamentos são o seu suporte real, a simplicidade, ou a complexidade, os vazios deixados para improvisado são a sua varinha mágica. Nunca se pode alienar o passado, mas também se deve ter presente uma visão de futuro alicerçada na busca do belo.

As formas arquitetónicas influenciam as maneiras de sentir e de pensar e têm, por isso, efeito sobre a imaginação.

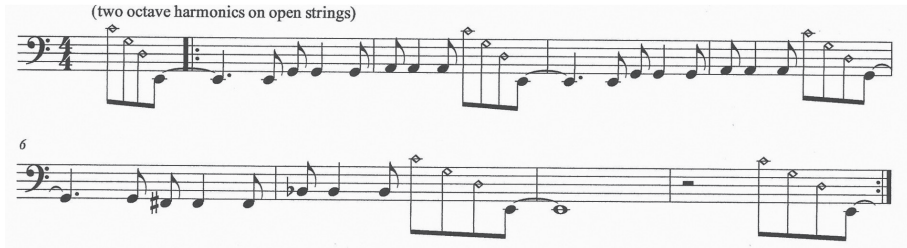
É possível escrever um texto sobre a elegância da linha curva, como Niemeyer o fez de forma tão poética: «*Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo, o universo curvo de Einstein*» (Niemeyer, 1998, p. 1) ou sobre a luz que escorre por uma parede. Mas isto nunca seria possível de descrever se a norma e o regulamento fossem seguidos cegamente, pois a padronização levaria à repetição e à monotonia. Na capela de Ronchamp, o que Le Corbusier projetou foram acontecimentos plásticos, demonstrando, assim, que a arquitetura é muito mais do que colunas, lajes ou vigas e que esses acontecimentos plásticos não são passíveis de ser regulados a partir de formas escolares ou académicas, são livres e infinitos.

A arquitetura é forma, cores, acústica, música, poesia e literatura. Corrói o tempo, tem vista para o interior dos pensamentos, é cheia de cumplicidades, de experiências contínuas que se escondem, se mostram, sendo constante a busca, a insatisfação e a crítica.

Está presente no poema de José Fanha quando o poeta/arquiteto fala de Álvaro Siza Vieira:

Inquieto
o olhar do arquiteto
inicia uma viagem
conversando
longamente
com o côncavo
silêncio
da paisagem.
Procura
uma ideia verde
uma verde
sugestão
ensaia a dinâmica
das nuvens
experimenta
materiais de construção
aqui granito e telha
ali madeira
lua e chão.
Inquieto
o olhar do arquiteto
vai tecendo
transparências
derrubando
resistências
trabalhando a cor do ar.
Tira do bolso direito
uma trave, um pilar
do outro bolso a paixão
procura o ovo perfeito
na mais perfeita
emoção. (Fanha, 1987, p. 15).

Na peça musical *Interface ou o Inferno de Gropius*, que o compositor e músico de jazz, Óscar Marcelino da Graça (2012), escreveu, inspirando-se nas obras e na vida de Walter Gropius, arquiteto, fundador do Bauhaus e um dos mestres pioneiros da Arquitetura moderna, diz o seguinte:

Interface ou o Inferno de Gropius

instructions

- 1) bass plays as written or with variations
- 2) drums and piano come in later playing free with different tempo
- 3) drums and piano stop while bass continues playing what's written
- 4) drums start to play now with the same tempo as the bass
- 5) piano comes in doing free improv with a different tempo
- 6) piano, bass and drums start converging to collective free improv
- 7) after a dynamic build up lead in to quote mahler's adagietto (from 5th symphony)

while the drums play free with no tempo feeling

No poema «A Casa que paira sobre as águas», do volume *As Pequenas Palavras Provisórias* (2018), escrito pelo arquiteto Sérgio Azeredo sob o pseudónimo literário de Azeredo Negrão, podemos ler o seguinte:

Na casa que paira sobre as águas,
há memórias com a infância dentro,
fotos sépia de imagens acústicas
sem neblinas de amargura.
Cozinhados em alto-relevo rendilhados,
soltam odores que desafogam as tristezas.
Há possibilidades de infinito,
simbologias fragmentadas,
sons do tempo das flores e os outros,
do tempo de agora, em ondas de blues e jazz.
Paredes com imagens coloridas de pianos de cristal
mostram mãos que voam sobre teclas de diamantes loucos.

Raios de sol sentados na primavera,
 com poses de donzela voluptuosa, tentam, com gestos de
 carícias evidentes, interromper o solilóquio amoroso dos ciprestes,
 enquanto a cachorra ansiosa, de pelo de arame ao vento,
 sonha saltos acrobáticos nas águas calmas do tanque azul.
 Na casa que paira sobre as águas
 há um tempo sem tempo que não submete a vida. (Azaredo, 2018, p. 6).

No cinema, o filme *Playtime*, de Jacques Tati, critica a arquitetura moderna e a alienação provocada pela tecnocracia e pelo consumo que, apesar de se retratar o Paris dos anos 60, tão atual se mostra. Relembramo-lo porque ele nos mostra quanto uma programação obsessiva impede o improvisado e as emoções.

O poema escrito em pedra, que é a janela do Convento de Cristo, em Tomar, retrata a saga dos Descobrimentos Portugueses.

O *graffiti* «Bonjour Tristesse», inscrito por um desconhecido na parte superior da fachada de um prédio projetado por Siza Vieira, em Berlim, é uma crítica à monotonia da fachada e à sua cor cinza, e que nos transporta para o romance homónimo de Françoise Sagan (Sagan, 1954) e para o poema de Paul Éluard, «À peine défigurée» (Éluard, 1932, p. 11):

Adieu tristesse,
 Bonjour tristesse.
 Tu es inscrite dans les lignes du plafond.
 Tu es inscrite dans les yeux que j'aime
 Tu n'es pas tout à fait la misère,
 Car les lèvres les plus pauvres te dénoncent
 Par un sourire.
 Bonjour tristesse.
 Amour des corps aimables.
 Puissance de l'amour
 Dont l'amabilité surgit
 Comme un monstre sans corps.
 Tête désappointée.
 Tristesse, beau visage.

A Literatura está, também ela, cheia de casas nostálgicas, brumosas, assombradas, paradisíacas, ominosas, casas como objeto, casas como conceito. Referimos, a seguir, algumas.

A Queda da Casa do Usher, de Edgar Allan Poe:

Observei a paisagem à minha frente: a casa simples e a simplicidade do aspeto da propriedade, as paredes frias, as janelas semelhantes a órbitas vazias, os poucos canteiros com ervas daninhas e alguns troncos esbranquiçados de árvores apodrecidas? Senti na alma uma depressão profunda. (Poe, 2014, p. 21)

A Casa de Bernarda Alba, de Federico García Lorca:

Aposento muito alvo do interior da casa de Bernarda. Paredes grossas. Portas em arco, de cortinas de juta rematadas com medronhos e enfeites de tecido. Cadeiras de balanço. Quadros com paisagens inverosímeis de ninfas ou reis lendários. É verão. Um grande silêncio (Lorca, 1936, p. 48).

A Casa Grande de Romarigães, de Aquilino Ribeiro:

A casa de torre, como incumbia a um homem de pro, ostentava já telhados de várias águas e, nos salões e quartos, os mestres de Azurara e de Barcelos deitavam tetos de apainelados e de masseira em castanho e bom carvalho. Já todas as janelas, em que perpassava um arzinho remoto de Renascimento, tinham portadas (Ribeiro, 1978, p. 19).

A Cidade e as Serras, de Eça de Queirós:

Nessa mesma tarde, se bem me recordo, sob uma luz macia e fina, penetramos nos centros de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo de calíça parda, eriçado de chaminés de lata negra, com janelas sempre fechadas... Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque: linhas hirtas, ângulos ásperos.... E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, tabuletas, tabuletas, tabuletas (Queirós, 1935, p. 52).

«Our House», poema de Crosby, Stills, Nash and Young:

Such a cosy room
The windows are illuminated
By the sunshine through them
Fiery gems for you
Only for you.
Our house is a very, very fine house
With two cats in the yard. (Crosby *et al.*, 1970).

«Oh As Casas, As Casas, As Casas», poema de Ruy Belo:

As casas nascem vivem e morrem
Enquanto vivas distinguem-se umas das outras
distinguem-se designadamente pelo cheiro
variam até de sala pra sala
As casas que eu fazia em pequeno
onde estarei eu hoje em pequeno? (Belo, 1984, p. 23).

«Relação de casas boas e más para juízo dos arquitetos Carlos Loureiro e Pádua Ramos», poema de Eugénio de Andrade:

Há casas
cuja beleza começa no projeto;
outras, e são talvez as mais belas,
existem só na cabeça do arquiteto. (Andrade, 14 de junho de 2010).

Poderíamos continuar, citando muitos outros exemplos, lembrando inúmeros autores que, ao longo de séculos de história da literatura, escreveram textos que provam que a Arquitetura e a Literatura são cúmplices e, nesse sentido, a Arquitetura pode ser também Literatura, sendo parte integrante desta porque, entre outras coisas, como aqui tentamos também provar, elas se unem para criar espaços e, tal como afirma Siza Vieira: «Há uma ligação natural que a arquitetura tem com as palavras».

Terminamos com um último texto, um poema que nasceu com a música, num fim de tarde de ventos vagarosos e que o arquiteto Sérgio Azeredo (cf. Negrão, 2018, p. 6) ofereceu à colega arquiteta Alexandra Dória:

O sol dourado do fim da tarde atravessou as janelas,
escorregou pelo tampo do estirador
e ignorou os traços que desenhavam o futuro.
Não reparou nas imagens que passeavam
nos teus olhos quando acariciou a pele do teu rosto.
Correu por entre os silêncios do atelier e desapareceu
no meio dos teus dedos.
É por isso que as tuas casas são luminosas.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, E. (14 de junho de 2010). «A praça da poesia». URL: <http://pracadapoesia.blogspot.com/2010/06/relacao-de-casas-boas-e-mas-para-juiso.html> (Acesso em 20-04-2017).
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITETOS PORTUGUESES (1995). «Livro Branco da Arquitectura» (brochura), *Público*, 17-09.
- AZEREDO, N. (2018). *A Solidão do Pretender*. Aveiro: Textos Livres.
- BELO, R. (1984). *Todos os Poemas*. Lisboa: Editorial Presença.
- BOULLÉE, E.-L. (1968). *Architecture. Essai sur l'Art*. Paris: Hermann.
- CROSBY, Stills, Nash & Young (1970). *Déjà Vu*. Atlantic LP Record.
- ELUARD, P. (1932). *La Vie Immédiate*. Paris: Gallimard.
- FANHA, J. (1987). *O Riso das Aves*. Lisboa: José Fanha.
- GRAÇA, O. M. (2012). *Interface ou o Inferno de Gropius*. Álbum Digital, faixa 9.
- HABIG, I. & JAUSLIN, K. (1990). *Der Auftritt des Ästhetischen: Zur Theorie der architektonischen Ordnung*. Frankfurt am Main: Fischer.
- JOBIM, A. C. (1974). *A Arquitectura de Morar*. Banda sonora da curta metragem de António Fontoura sobre a obra do Arq.º José Zanine Caldas. URL: https://youtube.com/watch?v=98Qr_bi9CKQ (Acesso em 20-4-2017).
- LE CORBUSIER (2005). *Vers une Architecture*. Paris: Flammarion.
- LOCKWOOD, D. (1979). New World. In: *La Manufacture de Sucre Engloutie*, Lado A, faixa 3.
- GARCÍA LORCA, F. (1936). *A Casa de Bernarda Alba*. Lisboa: Publicações Europa América.
- NIEMEYER, O. (2000). *As Curvas do Tempo – Memória*. Porto: Campo de Letras.
- POE, E. A. (2014). *Todos os contos*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- QUEIRÓS, E. DE (1935). *A Cidade e as Serras*. Porto: Lello & Irmão.
- RIBEIRO, A. (1978). *A Casa Grande de Romarigães*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- SACKS, O. (2007). *Alucinações Musicais. Relatos sobre a Música e o Cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SAGAN, F. (1954). *Bonjour Tristesse*. Paris: Julliard.
- SIMON, P. (1979). Bridge Over troubled Water. In: *So long, Frank Lloyd Wright*, Lado A, faixa 5.
- SPURR, D. (2012). *Arquitectura e Literatura Moderna*. Michigan: University of Michigan Press.

TÍTULO: Literatura & Arquitetura

RESUMO: Neste artigo, pretendemos abordar o tema sob o olhar de dois arquitetos que, tendo estado sempre no terreno, adquiriram uma visão pragmática relativamente à profissão, nunca deixando no entanto de se questionar, de se porem em causa, procurando caminhos, olhando à sua volta, estando atentos a todas as outras manifestações artísticas, acreditando que a arquitetura só faz sentido quando pensada globalmente, sabendo entre outras coisas que, tal como refere David Spurr, no seu livro *Arquitetura e Literatura Moderna*, «a linguagem fornece o simbólico e o abstrato da estrutura do mundo, enquanto que o ambiente construído cria uma estrutura literal e física desse mesmo mundo» e ainda que «a literatura e a arquitetura são alimentadas a partir de uma preocupação comum, a preocupação com as formas quotidianas que habitam o mundo» (Spurr, 2012, p. 23). Este artigo não pretende, no entanto, tratar de forma exaustiva um tema tão amplo e tão vasto, mas visa apenas, discuti-lo, à luz de textos, temas musicais e obras cinematográficas, partindo de três questões: A Arquitetura será ela própria Literatura? Haverá Literatura sem Arquitetura? A Arquitetura e a Literatura serão cúmplices?

TITLE: Literature & Architecture

ABSTRACT: In this article, we aim at approaching the subject under review from the point of view two architects, two eye witnesses who have spent most of their time out in the field. In the meantime, they have acquired a pragmatic, comprehensive view of the profession, never ceasing to challenge one another, endlessly searching for new paths, looking at whatever surrounded them, mindful of all other artistic manifestations. In so doing, believing that architecture only makes sense when understood globally and knowing, among other things that, as David Spurr points out in his book, *Architecture and Modern Literature*, that “language provides the symbolic and the abstract of the structure of the world, while the built environment creates a literal and physical structure of the same world” and, moreover, that “literature and architecture are fed from a common concern, interest with everyday’s forms that inhabit the world” (Spurr, 2012: p. 23).

This article, however, does not seek to discuss such a broad issue with much minutia; instead, we aim at discussing it only within the scope of a few texts, musical themes and cinematographic footage, while attempting to address three pertinent questions: Can architecture be regarded as literature in itself? Can literature exist without architecture? Can it be that Architecture and literature will, in fact, become accomplices?